

SENSAÇÃO

Cento e oitenta mil a.c.

O centro celestial do segundo céu, local onde naquela época abrigava todos os anjos criados pelas mãos do Pai celestial, tinha seus tapetes azuis, verdes, rosados, alaranjados e em tons de amarelo, no seu mais alto brilho. O coração de todos os seres pulsava, pois naquele dia divino, na sexta estação da estrela branca, Deus iria proferir e condecorar o nono e último anjo da profecia.

Ninguém sabia ao certo o que era a profecia. Alguns vislumbravam o dom de conversar com todos os animais. Outros achavam que a natureza seria a escolhida para isso. Alguns se viam além de qualquer possibilidade e só sonhavam estar com o Pai durante todas as estações, eternamente. Oito de todos os anjos já tinham sido escolhidos, faltando apenas mais um para se completar a Novena celestial. Todos queriam ser esse, mas todos também queriam que seu irmão o fosse. Amor e bondade entre aqueles seres eram de tamanha grandeza que não podia ser medida.

Beliel era um anjo tão belo quanto qualquer outro e como todos, queria ser o nono, mas também queria que qualquer um de seus irmãos o fosse. A alegria seria a mesma com ele sendo ou não. Junto a um de seus irmãos mais próximos, nomeado de Dariel, ele repousava sobre a esteira de rubi do palácio celestial. Ambos tinham suas asas guardadas e olhos fechados. O céu da noite era magicamente incrível. Daquele ponto do universo, era possível ver tudo da sua mais clara forma. Cada estrela nascendo e

morrendo. Brilhos como fogos de artifício, bilhões de vezes mais potentes e brilhantes. A grande estrela branca quase querendo se esconder por entre as montanhas alvas do sul.

Naquele dia, todos os anjos estavam mais quietos e reflexivos. Durante todo o tempo que passou ao lado de Dariel, Beliel não trocou uma só palavra sonora com ele. A troca de energia entre todos eles era eterna, mas naquele caso durou apenas uma estação da estrela. Quando Beliel inclinou o corpo e esticou os braços, observando um bando de animais cobertos com pelos compridos e claros, viu uma dupla de irmãos de espírito que admirava muito. Haziel e Hariel passavam balançando suas asas brancas, margeando o rio de prata e contando as pétalas de algas brilhantes. A mulher era uma loura linda, com os cabelos compridos. Olhou para ele e o cumprimentou com um sorriso tão lindo quanto ela. O homem se abaixava e tentava descolar do chão uma alga que dali Beliel conseguia ver que brilhava mais do que as outras. Ele achou aquilo muito legal e era a cara deles.

Com um pulo, ele caiu dez metros abaixo, sobre o tapete fofo de nuvens customizadas. Elas eram tão brancas quanto o carpete de nuvens do palácio celestial, porém mais frias. Ele caminhou sobre elas e chegou ao arco de cores ardentes. Passando por baixo dele, o anjo *pensou* que ficar próximo ao Pai, seria como ficar sob aquele arco eternamente. *Não! Mais!* Seria como fazer parte do arco. Ele queria muito isso, pois queria sentir o que era ter isso. Mas ficaria satisfeito se um irmão próximo pudesse sentir aquilo por ele. Pelo menos essa era a ideia que ele acreditava ter.

Vindo pelo outro lado, ele reparou em Stafon. Um anjo tão alto quanto ele, só que com asas com pelo menos um metro a mais de envergadura do que as dele. Ficou satisfeito por não ter as asas expostas naquele momento, pois se sentiria envergonhado. Pelo menos era o nome que dava aquele sentimento que só ele

conhecia. Como ele, Stafon também estava compenetrado em sua energia celestial e seus olhos apenas de cruzaram em um respeitoso cumprimento. No exato momento em que Beliel pisou a passarela de areia branca, reparou em uma figura que respeitava muito, deslocada sob um pilar que erguia uma luz espontânea de força. Beliel caminhou até ele e percebeu que era o único que vira naquele dia com o brilho dos olhos apagados. Seu azul como o mar da Terra estava apenas como o mar da Terra, faltando o brilho eterno que pulsava na janela da alma de todos os anjos.

- Baalberith! – Beliel se aproximou até ficar a um metro do anjo que fitava a estrela branca com as sobrancelhas baixas. – O que tem meu irmão?

- Nada! Só não estou empolgado com a possibilidade de me tornar o nono.

- Por que diz isso?

- Porque sei que não vai acontecer. Posso te apontar quem são os possíveis escolhidos – ele encarou Beliel no momento em que uma lágrima se desprendia de um de seus olhos e caía sobre sua veste clara.

Naquele momento, Beliel percebeu que Baalberith nutria um sentimento, que como ele, os outros anjos não tinham. Era um sentimento diferente do dele, mas por um ponto de vista, semelhante. Semelhante por ser um algo diferente dos outros celestiais, algo que só crescia em certos anjos.

Aquele era o sentimento que derrubaria todos os não temerosos a Deus: A Inveja.